

## APROPRIAÇÃO SURDA DO UNIVERSO LITERÁRIO: A TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA EM FOCO

*Roberto do Amaral Santos Júnior*

IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

**Resumo:** Esta pesquisa examina a tradução intersemiótica como ferramenta de apoio para a compreensão de educandos surdos acerca de obras literárias, propostas nos currículos escolares atuais, as quais estes alunos têm acesso, em geral, na língua portuguesa, em sua forma impressa. Com tal propósito, a metodologia adotada explora a visualidade como via principal de aprendizado para estes alunos, consonante à Pedagogia Visual, conforme as seguintes. Neste panorama, a investigação discorre sobre o desenvolvimento das habilidades de leitura e de produção textual de um estudante com surdez, utente da Língua Brasileira de Sinais – Libras e analisa os discursos produzidos por ele: (1) por meio do reconto, em língua de sinais, e (2) na forma da escrita de texto narrativo. Apresenta, dessa maneira, dados observados com o acesso deste discente aos recursos visuais, tais como filmes que narram uma dessas literaturas. Relata a geração de informações explícitas e implícitas sobre o tema da obra, percebidas durante esta abordagem. Este estudo também comenta aspectos relacionados à intervenção de um profissional de educação bilíngue. O aprofundamento nestas questões aponta que a tradução intersemiótica potencializa práticas pedagógicas que visem à apropriação do universo literário pelos discentes com surdez.

**Palavras-chave:** Surdo. Tradução Intersemiótica. Universo Literário.

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um exame sobre a tradução intersemiótica como auxílio à compreensão de estudantes surdos sobre obras literárias escritas em Língua Portuguesa.

O universo literário é um espaço lúdico, rico em conhecimento. Através da literatura, especialmente das obras referenciadas pela alta qualidade de produção intelectual e contribuição social, se abrem portas para novas concepções que geram crescimento da consciência humana. Para tanto, é indiscutível que o acesso a tais riquezas culturais seja uma possibilidade real para diferentes públicos.

Isto posto, em anos recentes, a Educação Especial na perspectiva inclusiva ganhou cada vez mais espaço. Fruto dessa nova concepção, mais oportunidades foram abertas ao público de estudantes com necessidades específicas, dentre estes, os discentes surdos.

Porém, a Educação para surdos tem longo histórico, mas, no Brasil, só recentemente ganhou reconhecimento legal. A abordagem através do Bilinguismo – onde a língua de sinais é considerada a língua de instrução e a Língua Portuguesa, como segunda língua, na modalidade escrita - se mantém como a mais apropriada neste cenário, pois

privilegia o meio natural de comunicação dos surdos, em sua modalidade gestual-visual (QUADROS, 1997, p. 27).

Apesar disso, com cada vez mais destes alunos presentes em sala de aula, muitos professores enfrentam desafios em traçar estratégias que contemplem a formação acadêmica destes mais plenamente. Muitas vezes, o profissional educador não passa por uma prévia formação para atender a este público, o que gera mais dúvidas na escolha de metodologias. Com isso, na maioria dos casos, ocorre como Silva e Cheffer pontuam:

Muito da preocupação desses profissionais ainda relaciona-se aos aspectos mais mecânicos da escrita, ou seja, as habilidades de codificação e decodificação, deixando de lado a dificuldade de o aluno surdo atribuir sentido a essas atividades, na escola ou fora dela (2006, p. 77).

Por isso, um quesito que ainda intriga e desafia tanto docentes quanto seus alunos surdos envolve atividades em Língua Portuguesa, utilizada para prática de leitura e de produção escritas. Nas práticas de letramento para surdos, esta língua deve ser trabalhada como L2, ou seja, como uma segunda língua (BRASIL, 1997, p. 165). Isso aponta para necessidade de se descobrir mais estratégias pedagógicas que conduzam ao êxito no processo de ensino e de aprendizagem.

Para tanto, a visualidade é indicada como meio mais promissor para explorar conteúdos curriculares. Consequentemente, utilizar ferramentas que agucem o sentido da visão pode impactar em resultados positivos no processo de ensino e de aprendizagem do aluno com surdez (CAMPELLO, 2007, p. 129).

Com isso, a Pedagogia visual, inaugurou um novo campo de conhecimento propondo estratégias que viabilizem o aprendizado significativo do aluno com surdez por vias da experiência visual. Pesquisas na área de Educação para surdos apontam que, quando a língua natural deles é levada em consideração os resultados são substanciais.

Falando sobre a importância dessa proposta, Campello ainda afirma que:

As técnicas, recursos e perspectivas utilizados na pedagogia visual, estão relacionados com o uso da “visão”, em vez da “audição”, sendo que a imagem na “apreensão do estímulo visual” e perspectiva emergem de acordo com forças bidimensionais e tridimensionais. Esses processos exigem uma nova forma de pensar o nível perceptivo e o processamento visual daquilo que rodeia o sujeito Surdo e qual seu olhar sobre o mundo no processo de ensinar e aprender (2008, p. 209).

Partindo dessas considerações, a origem desta pesquisa foi uma proposta de

estudo sobre a obra *Morte e Vida Severina*, publicado pela primeira vez em 1965, de João Cabral de Melo Neto, autor ligado ao movimento literário modernista no Brasil.

Levando em conta esse cenário, buscaremos perceber as contribuições da tradução intersemiótica no processo de apropriação do universo literário por alunos Surdos<sup>1</sup>. Como este tipo de tradução pode contribuir no êxito de atividades ligadas a textos literários? Que efeito produz no reconto da história? De que forma influência no desenvolvimento das habilidades de leitura e de produção textual de um estudante com surdez, utente da Língua Brasileira de Sinais – Libras? Quais são os entraves e as vantagens atrelados a este recurso didático?

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura de obras da literatura deve ser uma prática prazerosa de descobertas e aprendizado. No caso de alunos com surdez, isso não deve ser diferente. Para tanto, as suas habilidades devem ser consideradas e exploradas. Isto se dá pela utilização de meios que potencializem seu aprendizado, especialmente através do sentido da visão. Por conseguinte, torna-se cada vez mais necessário que o educador conheça e se valha de métodos que o auxiliem na apropriação deste universo pelo discente com surdez.

Neste seguimento, a Pedagogia Visual, abordada também como Pedagogia da Diferença, propõe que o desenvolvimento de atividades com alunos surdos privilegie suas especificidades. Desta forma, conforme Campello:

A pedagogia visual [...] não pode ser deixada e ignorada, já que o valor da língua de sinais vai ganhando, gradativamente, o seu espaço visual. A língua de sinais por meio de “experiência visual” tem derrubado a crença centralista e oralista, que era um instrumento de serviço da língua distinta da língua de sinais (2008, p. 84).

Outrossim, o desenvolvimento da escrita está intimamente ligado à habilidade de leitura. E se é proposto que o aluno surdo escreva em português, ele precisará

<sup>1</sup> Neste trabalho foi adotado o termo Surdo como referência cultural que vê os surdos do ponto de vista social, de suas habilidades visuais e potencialidades, em lugar da clínica-médica, que os trata como deficientes precisados de intervenção médica para a cura ou diminuição dos efeitos da surdez (SÁ, 2006, p. 7).



desenvolver também a capacidade de ler nesta língua. Um processo se vincula ao outro.

Partindo desses princípios, a leitura passará a não se limitar ao simples reconhecimento de palavras soltas, mas aguçará a capacidade de significar o que se lê, gerando, pela coerente interpretação, reflexões e novos conhecimentos em nível cognitivo e de conhecimento de mundo. Consequentemente, a produção textual, quer seja através do relato da história em Libras ou da escrita, revelará o quanto da leitura foi compreendido (SOUZA, 1998, p. 147).

Pode-se supor, então, que as possibilidades de assimilação de conteúdos serão ampliadas para estudantes surdos à medida traduções versáteis, que explorem a visualidade, sejam contempladas, possibilitando uma compreensão maior de literaturas em Língua Portuguesa.

Sobre traduções versáteis, pensando em um aluno Surdo, a principal ferramenta de comunicação é a língua de sinais, conhecida aqui no Brasil como Libras. Atualmente, em sala de aula, a Língua Brasileira de Sinais é utilizada como instrumento didático por meio de um tradutor-intérprete (BRASIL, 2010). Mas, para além disso, outros recursos de tradução que podem aumentar a compreensão de um texto literário trazendo mais detalhes, o que proporcionará uma leitura mais rica e prazerosa.

Em se tratando de tradução, o leque de tipos e definições se abre. Do ponto de vista de Jakobson (2002, p.15), existem: (1) a tradução intralingual, que envolve signos da mesma língua; (2) a tradução interlingual, com signos de línguas diferentes; e, (3) a tradução intersemiótica, ou transmutação, que traduz signos verbais por meio de signos não verbais.

Ainda com respeito a este último processo tradutório, Segala, em seu estudo sobre traduções de textos escritos em português para a Libras oral, preconiza que:

Para que se realize uma tradução intersemiótica — entre diferentes sistemas de signos — torna-se relevante observar as relações existentes entre os sentidos, os meios e os códigos envolvidos no processo. A tradução de pensamentos em signos necessita de canais e linguagens que viabilizem socializar esses pensamentos, permitindo o intercâmbio de mensagens entre o homem e o mundo à sua volta. Cada sistema de signos constitui-se de acordo com sua especialidade característica, que possibilita sua articulação em conjunto com os órgãos emissores-receptores (sentidos humanos). Estes produzem as mensagens que reproduzem os sentidos. É pelos sentidos que os homens se comunicam entre si (2015, p. 29).

É sobre este tipo de tradução – a tradução intersemiótica - que se manteve o foco neste trabalho. Essa tradução é “aquela a que nos entregamos ao procurarmos interpretar o significado de uma expressão fisionômica, um gesto, um ato simbólico mesmo desacompanhado de palavras” (RÓNAI, apud VEDOATO, 2017, p. 127).

Assim, para atividades de ensino para surdos, “o uso do vídeo é particularmente adequado por permitir uma tradução multimodal e intersemiótica” (SILVA, LEMOS, 2017, 73).

Com esses, é possível concluir que um filme pode ser a tradução intersemiótica de um livro, por exemplo. E, no caso dos surdos, um filme sem legenda configura, ainda mais, um sistema de signos sem palavras, uma vez que o acesso às falas fica prejudicado pela audição comprometida. Apesar disso, a arte visual apresentada nas cenas e nos movimentos dos personagens poderão fornecer pistas para este leitor, conduzindo-o a mais inferências, o que, em somente considerando o texto impresso, seriam mais difíceis conceber.

## 2.2 MATERIAL E MÉTODOS

Com base nos pressupostos apresentados, iniciou-se um estudo de caso sobre a compreensão de um aluno surdo a respeito de uma obra da Literatura Brasileira. Desta feita, o estudante, formando do 3º ano do Ensino Médio Integrado Profissionalizante, em um Instituto Federal, foi estimulado a apreender o conteúdo de uma obra literária por se explorar sua visualidade, sobretudo, servindo-se da tradução intersemiótica. Este método gerou dados quantitativos e qualitativos a partir do seu rendimento nas atividades de leitura e reconto da história, com e sem a intervenção de um professor bilíngue.

Dentro do conceito de tradução intersemiótica, optou-se pelo uso de materiais audiovisuais para desenvolver a pesquisa. Perseguindo este propósito foi escolhida a obra *Morte e Vida Severina*, auto de natal escrito por João Cabral de Melo Neto, em 1965. Esta pérola da produção artística nacional narra a trajetória de um retirante nordestino, chamado Severino, que deixa sua terra improdutiva em busca de melhores condições de vida na capital de Pernambuco, Recife, seguindo o percurso do rio Capibaribe. Esta literatura é ligada ao movimento literário modernista no Brasil e foi indicada para estudo e análise pelo professor da turma que o referido discente frequentava.

Inicialmente, foi fornecido o livro para que leitor-estudante procedesse à leitura. A proposta era averiguar quanto da narrativa conseguia compreender somente através deste material.

Depois de alguns dias em contato com a obra, foi sugerido ao discente que

assistisse ao filme *Morte e Vida Severina*, longa metragem produzido pelo grupo Globo, no ano de 1977.

Após esses dois procedimentos, foi solicitado que ele relatasse, gravando em Libras, seu entendimento até então. A intenção foi observar o quanto do conteúdo visual apresentado no filme serviu de apoio ao entendimento deste espectador.

Na etapa seguinte, durante dez encontros, usando uma animação baseada na obra literária, adaptada para os quadrinhos pelo cartunista Miguel Falcão, um professor bilíngue abordou cada trecho do vídeo, interpretando as falas dos personagens. Durante esta etapa, deste recurso visual foram escolhidas imagens julgadas relevantes que retratassem melhor a passagem considerada. Os quadros foram montados como numa história em quadrinhos.

Posteriormente, este material serviu para o reconto feito pelo aluno, que também foi registrado em Libras, em pequenos vídeos sequenciais. Por fim, para trabalhar a escrita, foi solicitado que o estudante escrevesse, ao lado dos quadros, os acontecimentos retratados ali, usando sua livre expressão e remetendo-se aos vídeos produzidos por ele durante os encontros.

### 3. RESULTADOS E ANÁLISE

No primeiro momento, de posse do livro, o leitor, embora identificasse algumas palavras a ele familiares, não chegou a um entendimento contextualizado. De fato, sua leitura inicial esteve mais atrelada ao processo de decodificação e significação de termos do Português para Libras, que não o conduziu a um nível satisfatório de compreensão. Algumas das palavras desconhecidas pelo estudante, mais notadas e significadas foram: CORONEL, DEFUNTO, ROSÁRIO, RETIRANTE, COMPADRE, COMADRE, ENGENHO. Isso favoreceu a ampliação do seu vocabulário em Língua Portuguesa.

Ademais, naquele momento, algo que chamou a atenção foi a sua pergunta sobre o porquê de tantos travessões. Foi-lhe explicado, então, que estes caracterizavam um diálogo. Isso revelou a falta de conhecimento com este tipo de gênero textual.

Em seguida, após assistir o primeiro longa-metragem, baixado sem legendas, o referido estudante percebeu melhor do que tratava a obra. Entretanto, narrou a história de forma predominantemente dedutiva.

Segue versão traduzida do material que gravou em Libras:



O homem vestido e de chapéu caminha. Passa por árvores secas. Tem sol, calor, seca e terra sem vegetação. Caminha sozinho. Caminha e vê uma casa. Aproxima-se. Sente um som que vem de uma casa. Pessoas estão ali, sentadas. Tem um morto vestido, deitado. As pessoas cantam. Homem de chapéu observa e vai embora. Continua a caminhar. Vê casas mal feitas, de pobres. Caminha. Vê uma mulher na janela. Eles conversam. Saem juntos. Aparece uma folha. Ela reza os doentes e ajuda os pobres. Eles conversam. Homem de chapéu acena com cabeça e vai embora. Caminha longa distância. Vê, chega onde tem lavradores. A procissão leva o morto para o enterro. Joga-o na cova. Canta. Vem uma mulher carregando uma vara, cantando. Homem de chapéu observa à distância e sente pesar pelo morto. A procissão canta e ele vai embora para outro interior. Chega à cidade. O homem de chapéu caminha na rua, sente calor e cansaço. Senta, espera debaixo da sombra, evitando a luz do sol. A sombra o ajuda. Ouve atrás dele duas pessoas conversando em um cemitério. Ouve, pensa, levanta e sai. Caminha para onde tem casas. Existem edifícios de ricos atrás e casas de pobres próximas. Prossegue e encontra sentado um homem. Senta-se ao seu lado. O homem tem um filho e explica sua história. Homem de chapéu dá atenção concordando com a cabeça. Na casa, nasce uma criança. O homem fica animado. Pessoas vêm, sorriem. O bebê nasce vivo, a salvo. Tem um mar perto da casa. Pessoas dão presentes e ajudam o homem, a mulher e o filho deles. A mulher com seu filho entra na casa. As pessoas os acompanham. A criança está viva. Viva! O homem de chapéu concorda com a cabeça. O homem sentado se despede. O homem de chapéu vai embora.

Este primeiro vídeo, teve tempo total de sete minutos. Nota-se que, ao assistir o primeiro filme, mesmo sem legendas, o estudante construiu uma visão geral da história, em contraste com a pouca informação que extraiu do texto impresso. Mesmo assim, muitas informações passaram despercebidas, como, por exemplo, o nome do personagem principal, de onde ele veio, para onde ele iria e que reflexões faz de acordo ao que vive em durante jornada.

Diante disso, depreende-se que, provavelmente, mesmo um filme legendado pouco influenciaria no entendimento dos diálogos apresentados devido ao desconhecimento da maioria das palavras que ali estão e ao curto espaço de tempo entre o aparecimento de uma frase e outra.

A próxima etapa se mostrou mais produtiva! Com a ajuda da interpretação feita pelo professor em Libras, os conteúdos dos diálogos foram prontamente capitados,

rendendo ricos detalhes adicionais. Desta forma, foram produzidos doze vídeos curtos, um material de 25 minutos no total, em que o estudante narrou sucessivamente as partes da história em Libras.

Durante as narrações em Libras foi notada interferência da Língua Portuguesa através do recurso de “digitalizar” ou “soletrar” palavras que não possuíam o sinal específico ou poderiam ser expressas pelo uso de classificadores.

Ademais, o cântico de excelências para um defunto e como também nas falas dos amigos de outro morto, quando Severino assiste ao enterro, não foram plenamente consideradas, uma vez que, nestes casos, a animação, embora rica em efeitos visuais, não continha elementos que se ilustrassem esse trecho do texto. Para ilustrar, enquanto pás que andam e cavam túmulos aparecem, soa um cântico fúnebre.

Por outro lado, certas expressões necessitaram da utilização de mais de um sinal para ser compreendidas. Para exemplificar, quando surgiu a expressão “serra magra e ossuda” o leitor surdo, à base do que observa no vídeo, descreveu a condição da vida animal naquele lugar sinalizando sequencialmente os sinais para SERRA, BOI e ESQUELÉTICO.

Muitos dos quadros extraídos da animação trouxeram à tona aspectos explícitos ou implícitos da literatura estudada. Isto porque, durante a consideração filme com a assistência do professor foram identificados aspectos da arte visual que ampliavam o entendimento sobre a obra. Para citar, o uso de figura de linguagem como quando se deu asas a bala (Figura 1) ou quando se comparou as casas das vilas alinhadas ao terço (Figura 2) complementaram as ideias de morte por emboscada e do longo percurso que o retirante tinha a frente. Essas composições foram facilmente compreendidas pelo espectador surdo.



Figura 1



Figura 2

Fonte: Morte e vida Severina (em animação)

Em dois trechos (Figuras 3 e 4), a morte foi retratada por uma entidade na figura feminina que usa a cabeça ossuda de um boi. Esse detalhe não tinha citação direta no texto literário.



Atenta-se, assim, para riqueza de detalhes descoberta por meio da tradução intersemiótica nos materiais audiovisuais utilizados nesta etapa. Desta forma, informações explícitas e implícitas foram captadas pelo discente.

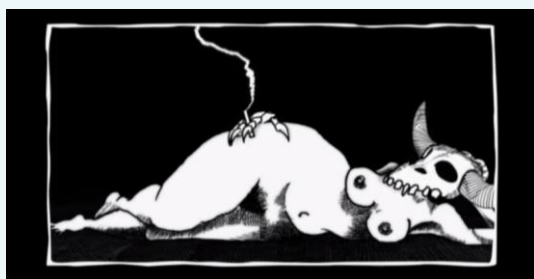


Figura 3

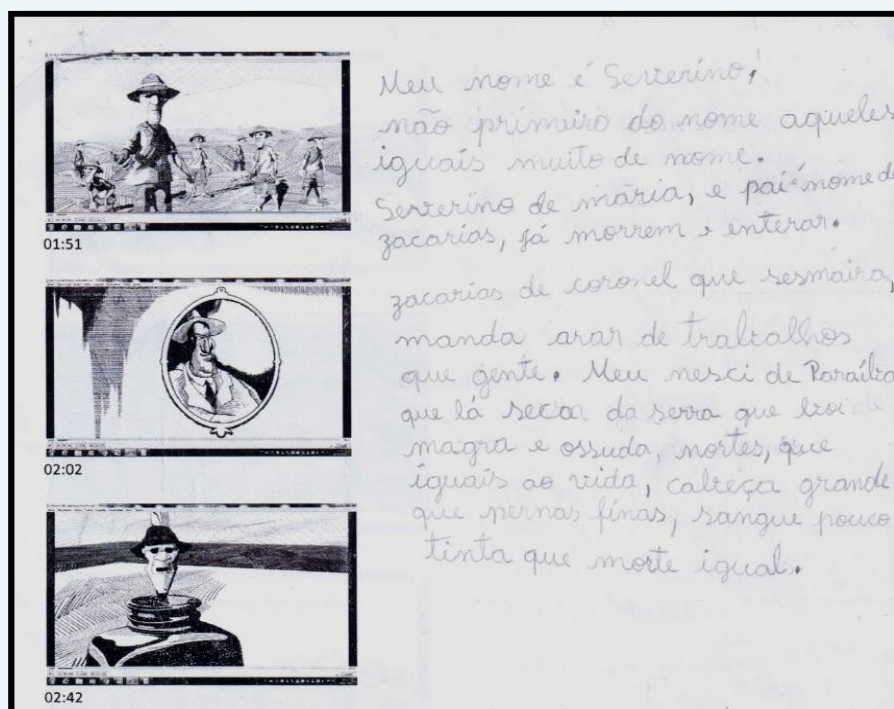


Figura 4

Fonte: Morte e vida Severina (em animação)

Considerando a produção escrita, o aluno, usando como referência os vídeos onde narrou a obra parte a parte, conseguiu fazer um relato mais rico da história<sup>2</sup>. Esta, de fato, não foi uma tarefa fácil para ele. Para produzir o texto escrito, precisou de mais tempo do que o previsto, chegando a duas semanas.

Além disso, como ilustrado na figura 5, o estudante escreveu seguindo o modelo de estrutura frasal de sua primeira língua:



<sup>2</sup> O material completo, autorizado para divulgação, será analisado mais profundamente e publicado posteriormente.

Figura 5

Ademais, embora narrasse com fluência as passagens da obra em sua língua natural - Libras, quando precisou fazer o registro por escrito do “nome” dos sinais que utilizou ao narrar, por vezes, recorreu ao professor para tirar dúvidas sobre a grafia. Com isso, nesta etapa também aprendeu a escrita de palavras novas.

Estes resultados apontam que com o auxílio da tradução intersemiótica, presente nos recursos utilizados neste trabalho, o estudante apresentou considerável desempenho na apropriação do universo literário.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aplicando a metodologia proposta, este estudo indicou que tratar de uma obra literária a partir somente do texto escrito não será suficiente para apropriar o leitor Surdo do conteúdo de uma literatura. Por esta razão, é necessário planejamento específico para este público. Cada aluno tem seu próprio tempo e modo de aprender. Por isso, o professor precisa levar em conta as especificidades dos a quem ensina, ficando atento para explorar suas respectivas potencialidades, principalmente a visualidade, valendo-se de outros recursos que o texto impresso, a fim de consolidar resultados no desenvolvimento cognitivo deles.

Por outro lado, verificou-se que um filme, apesar de produzir impressões para o espectador em questão, não garante, por si, a plena compreensão sobre o tema tratado nele. Significados podem ser gerados pela dedução e muitas vezes conduzem à assimilações incoerentes com o conteúdo do texto ou pobre de informações.

Apesar disso, a tradução intersemiótica, na forma audiovisual revela-se proveitosa enquanto ferramenta pedagógica. Esta possibilita ao leitor surdo explorar a obra pela via da visualidade, propriedade aguçada desse sujeito.

Outro fator preponderante é, em outras oportunidades, também considerar mais aspectos relacionados à produção artística: quem foi seu autor, em que contexto histórico viveu, do tipo de movimento literário fez parte e como suas motivações são reveladas no que produz.

Desta forma, alinhar recursos que possibilitem uma pedagogia visual influir diretamente no êxito dentro do processo de ensino e de aprendizagem. O aproveitamento acadêmico ficou refletido nas produções finais, em Libras e na forma escrita, do discente

citado.

Não podemos, ainda, desconsiderar que, neste contexto, a intervenção de um profissional bilíngue, professor, foi fundamental para transmitir as informações pertinentes tornando a realização dessa proposta possível.

Obviamente, este estudo não esgota o tema. Porém, mesmo em sendo um estudo de caso, certamente encontrará verossimilhanças com o público de estudantes com surdez e pode indicar caminhos rumo a uma aprendizagem mais significativa na abordagem de obras literárias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **A educação dos surdos**. V. II. Atualidades Pedagógicas - série n. 4. Brasília: MEC/SEESP. 1997.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, 2010.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos**. In Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (org.). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da visualidade na Educação de Surdos**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>> Acesso em 4 dez. 2018.

JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects of Translation. In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. London – UK: Routledge, 2002: 128- 133.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina e Outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

OSÓRIO, Jeferson. **Morte e vida Severina (Filme)**. Direção: Zelito Viana. Realização: Central Globo de Produções. Ano: 1977. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=rz3cxSdHLVI>> Acesso: 03 ago. 2018.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.



SÁ, Nídia Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SEGALA, R. R.; QUADROS R. M. **Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para libras oral**. Cadernos de Tradução, v. 35, p.354-386, 2015.

SILVA, Denise de A.; LEMOS, Elis G. da Silveira. **Tradução, Inclusão Literária e Surdez: Reflexões a partir da tradução do conto “Vestida de Preto” do Português para a Libras**. Ilhéus. Litterata. 2017.

SILVA, Ivani Rodrigues; CHEFFER, Rosana. **A construção de Histórias por alunos surdos**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.76-87, jun. 2006.

SOUZA, R. M. **Que palavra que te Falta**. Língua, Educação e Surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TV Escola; OZI; FUNDAJ – Fundação Joaquim Nabuco. **Morte e vida Severina (Em desenho animado)**. Direção: Afonso Serpa. Ano: 2009. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=clKnAG2Ygyw>> Acesso: 16 ago. 2018.

#### SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

#### **Roberto do Amaral Santos Júnior**

Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estado e Sociedade, pela UFSB; Tradutor Intérprete de Libras no IFBA/Brasil. E-mail: ls3rj@hotmail.com.